

Juliano Moreira e a viabilidade da migração dos japoneses para o Brasil

Juliano Moreira and the viability of the migration of the Japanese to Brazil

Juliano Moreira y la viabilidad de la migración japonesa a Brasil

Recebido em 22-02-2022

Modificado em 01-06-2022

Aceito para publicação em 09-07-2022

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i2.39246>

Fillipe dos Santos Portugal

Graduado em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil. Especialista em Ensino de História no Ensino Básico pelo Colégio *Pedro II*. Mestre e doutorando em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. E-mail: fillipe_portugal@hotmail.com

Bruno Rodrigues Pimentel

Graduado em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil. Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico pelo Colégio *Pedro II*, Mestre e Doutor em História Social pelo Programa de Pós-Graduação da UERJ. E-mail: bruno_lpn@hotmail.com

Resumo

Neste trabalho temos o objetivo de analisar a primeira parte do livro *Impressões de uma viagem ao Japão em 1928*. O livro resulta de uma compilação de memórias, conferências e impressões sobre a viagem empreendida ao Japão pelo médico negro Juliano Moreira e sua esposa Augusta Peick Moreira. Refletiremos sobre a trajetória de Juliano Moreira e o contexto histórico do Brasil, com ênfase nas questões da eugenia e nos debates raciais relacionados, sobretudo, a migração japonesa para o Brasil, que é o tema central das representações que fazem parte da construção de Juliano Moreira na obra citada. Nossa análise, se desdobra nos âmbitos social e cultural, e está alicerçada na nova história que é associada à historiografia da *École des Annales*, que trouxe diversas renovações para a escrita da história. O conceito de representação será operado para compreender a construção do autor e para alicerçar nossa análise recorreremos a fontes biográficas, artigos e notas jornalísticas.

Palavras-chave: Migração japonesa; Juliano Moreira; Debates raciais.



Introdução

A proposta deste trabalho é analisar a primeira parte do livro *Impressões de uma viagem ao Japão em 1928*, do médico negro Juliano Moreira (1873-1933). O objetivo é compreender e refletir, por meio da análise, o discurso construído e disseminado por Juliano Moreira sobre aspectos referentes aos seus argumentos para defender a migração japonesa para o Brasil. Cabe destacar que são muitas as possibilidades de análise a partir da obra mencionada, mas, neste artigo, iremos nos ater em apresentar e analisar as representações desenvolvidas por Moreira sobre o Japão e os japoneses para fundamentar a sua defesa da migração japonesa para o Brasil.

Para alcançar tal análise, consideramos relevante levar em consideração, no decorrer do artigo, a trajetória individual de Juliano Moreira e sua relação com o debate eugênico e racial, pois a partir daí buscaremos compreender os seus argumentos em relação a sua defesa da migração japonesa para o Brasil. A obra foi desenvolvida em um contexto específico, e considerar esse momento é importante para compreender as representações contidas no livro. Por esse motivo discorreremos sobre o contexto social e científico em que o autor estava inserido tendo como base uma bibliografia que discute a questão racial a partir da tríade raça, ciência e sociedade, aspectos que acreditamos fundamentais para entender a obra de Juliano Moreira e que perpassam pela questão da eugenia e da migração japonesa para o Brasil.

Como este artigo se desdobrará, sobretudo, no âmbito cultural e social, o livro *A escrita da história: novas perspectivas* (Burke, 1992), organizado por Peter Burke, contribuiu com o arcabouço teórico para o seu desenvolvimento. Burke discorreu sobre como a *École des Annales* trouxe diversas renovações para a historiografia, que anteriormente se preocupava apenas com a história política. Ele demonstrou que a nova história se interessou por todas as áreas que estão ligadas ao ser humano o que leva ao surgimento da expressão “história total”, que agora se fundamenta nas questões provenientes do âmbito social e cultural.

Burke, assim como Fernand Braudel (Braudel, 1978), falou das apropriações que a história faz das descobertas das áreas antropológicas, econômicas, psicológicas e sociológicas. Deste modo, o autor diz que a partir do rompimento com o paradigma tradicional houve diversas mudanças no modo de se conceber a história e, conseqüentemente, surgem novos problemas de definição, como por exemplo: os das fontes, métodos e explicação. Segundo ele, com a nova história os historiadores começaram a fazer novas perguntas e, assim, tiveram que buscar novas fontes para obter essas respostas.

Como expõe Peter Burke (Burke, 2004), nos últimos tempos os historiadores têm ampliado seus interesses e não seria possível desenvolver os campos relativamente novos, que

resultam dessa ampliação, se eles tivessem se limitado às fontes tradicionais. É justamente essa ampliação das fontes que possibilitou a realização da pesquisa aqui proposta, pois nossa fonte, analisada a seguir, conquistou seu lugar enquanto evidência histórica ao lado das documentações tradicionais.

Cabe ressaltar que o termo “representação” é importante para esse trabalho, pois analisaremos a construção desenvolvida por Juliano Moreira em seu livro, e isso é um exemplo de uma abordagem resultante do alargamento das temáticas trabalhadas no campo da história. O conceito de representação irá pressupor significados e valores que estão de acordo com as proposições desenvolvidas por Roger Chartier (1991) e Bourdieu (1996). Neste sentido, veremos que as representações construídas por Juliano Moreira disseminam uma visão que retirava os japoneses da categoria de subumanos e de imigrantes indesejados. Para isso ele ressaltou diferentes aspectos culturais, físicos, científicos e sociais que eram compreendidos como “civilizados” e “evoluídos”. Deste modo, conforme veremos por meio da análise do discurso de Juliano Moreira, o médico foi um entusiasta da imigração japonesa para o Brasil, construindo uma narrativa que foi na contramão das críticas em volta desta migração.

Cabe destacar que para fundamentar a análise da nossa fonte principal, o livro *Impressões de uma viagem ao Japão em 1928*, recorreremos também a dados biográficos e a fontes jornalísticas que nos permitiram obter informações sobre a viagem empreendida por Juliano Moreira e sua esposa. O acesso às fontes jornalísticas se deu por meio da hemeroteca da Biblioteca Nacional. Fizemos buscas com palavras-chave e recortes de data e tivemos acesso a um grande número de artigos e notas jornalísticas que mencionavam Juliano Moreira. Foi uma grata surpresa a cobertura jornalística da viagem de Moreira e sua esposa ao Japão. Cabe destacar que este artigo resulta de um desdobramento preliminar de uma pesquisa que está em processo de desenvolvimento.

O artigo se divide em três partes principais. Na primeira intitulada, “Notas Sobre a Trajetória e o Contexto Social de Juliano Moreira”, buscamos traçar o contexto sociopolítico em que o autor está inserido, que é permeado pelo debate racial, o que se salienta até mesmo em seus estudos médicos psiquiátricos. Nesta parte daremos ênfase na questão da eugenia e nos debates sobre a migração japonesa, questões essenciais para que possamos entender a obra que analisaremos. No trecho “Viagem ao Japão em 1928”, buscamos contextualizar a viagem de Juliano Moreira ao Japão, os motivos de sua viagem, os locais por onde passou e a repercussão na imprensa nacional. Na parte “Análise de Impressões de uma viagem ao Japão em 1928” investigamos os discursos e as representações de Juliano Moreira presentes no livro e o quanto estes estão permeados por uma concepção positiva da migração japonesa para o Brasil, bem

como a construção de um Brasil idílico, como uma terra sem conflitos raciais, perfeita para acolher estes imigrantes.

Notas sobre a trajetória e o contexto social de Juliano Moreira

Juliano Moreira (1873-1933) foi um personagem que se destacou por sua trajetória acadêmica e intelectual. Nascido na capital da Bahia, foi filho de um pai branco e uma mãe negra, sendo então considerado um “mestiço” e carregando com isso diversos preconceitos sociais/raciais da época. Mesmo com todos os empecilhos, Juliano Moreira conseguiu adentrar no meio acadêmico, ingressando com apenas 13 anos na Faculdade de Medicina da Bahia e tornando-se médico com apenas 18 anos, em 1891 (Lopes, Fonseca, 2020).



Após formado, o médico fez diversas viagens a Europa para complementar sua formação em diferentes instituições e espaços de formação. No Brasil, participou de distintas instituições e comissões sanitárias, com destaque para o cargo de professor substituto da cadeira de clínica psiquiátrica e de moléstias nervosas da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1896. Importante ressaltar que tal cargo foi alcançado mediante polêmica no concurso – por conta de sua condição

racial – na medida em que era vetado que pessoas “não brancas”, no período, acessassem a cargos de prestígios como o de professor universitário (Lopes, Fonseca, 2020).

Aos 30 anos Juliano Moreira se tornou diretor do Hospital Nacional para Insanos do Rio de Janeiro, onde buscou incorporar as novidades e experiências que havia assimilado nas instituições europeias que havia visitado. Um importante exemplo dessas inovações foi a retirada das barras de ferro do asilo, procurando dar um tratamento mais humanístico para os internos – uma marca de sua psiquiatria. Sua carreira acadêmica foi ficando cada vez mais consolidada de maneira que, entre 1896 e 1927, publicou em torno de 100 artigos sobre uma variedade de temas, mas principalmente com ênfase em estudos psiquiátricos abordando a relação entre as causas das doenças mentais (psicoses) e as doenças infecciosas. O seu prestígio acadêmico pode ser medido não só pela quantidade de sua produção, mas pela quantidade de revistas e instituições em que se filiou ou ajudou a criar como: Academia Nacional de Medicina, Academia Brasileira de Ciências, Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Forense¹. No âmbito internacional seu trabalho foi reconhecido. Ele tornou-se membro honorário da Sociedade Médica Legal de Nova York, da Liga de Higiene de Paris, da Sociedade de Psiquiatria de Buenos Aires, da Sociedade de Psiquiatria da Bélgica, da Sociedade Antropológica de Munique e da Real Associação Médico/Psicanalítica de Londres. Foi também nomeado presidente honorário do Congresso Internacional de Neurologia e Psiquiatria quando este ocorreu em diversas cidades, como Amsterdam, Milão e Moscou. Isso será importante para compreendermos porque, em sua viagem ao Japão, foi recebido como um verdadeiro chefe de estado (Fikis; Cargille, 1986).

Ainda que as teorias e explicações racistas tivessem força em várias esferas eruditas, é importante ressaltar que em seus estudos, Juliano Moreira buscava dissociar as causas das doenças sobre os fatores raciais e climáticos, como faziam seus congêneres europeus. Segundo os pesquisadores Peard (1997), Sheppard (2001) e maio (2004), os médicos brasileiros não aderiram às teorias raciais em voga na Europa e nos Estados Unidos no século XIX e nas primeiras décadas do século XX como chave para explicação das doenças. De acordo com Marcos Maio (2004), ao longo da década de 1870 alguns dos fundamentos da tradição neo-hipocrática, que via os problemas de saúde relacionados ao clima e aos miasmas, topografia geográfica, poluição pluvial, condições socioambientais, ainda se mantiveram em utilização, mesmo com a emergência da medicina experimental².

¹ Além disso, foi cofundador de três periódicos acadêmicos: Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, Archivos Brasileiros de Neuriatria e Archivos Brasileiros de Medicina (Fikis; Cargille, 1986:682).

² Segundo Flavio Edler (2002) a medicina experimental surge no Brasil na segunda metade do século XIX. Fundamentados na prática da experimentação e utilizando ferramentas como o cadinho, a cobaia e o microscópio, os

Maio (2004) aponta que as questões raciais se aproximam das teorias médicas brasileira em meio à conjuntura política dos primeiros decênios da República. Este período, marcado pela 1ª Guerra Mundial e repleto de movimentos nacionalistas, foi propício para que os debates raciais entrassem em voga junto de discussões de como redefinir as imagens sobre o papel do país com o advento do regime republicano. Além disso, coube às elites intelectuais o desafio de repensar a nação e suas possibilidades de adentrar no mundo moderno, e com isso surgiram disputas ancoradas ao conhecimento médico sanitário que passam a ter como cerne do problema as questões de raça e miscigenação.

Neste sentido, segundo Sérgio Carrara (2004), a visão do Brasil e dos brasileiros até o início do século XX era bastante pessimista, sendo considerado por diversos pensadores como uma nação de degenerados e de indivíduos inferiores, principalmente nos aspectos moral e racial. Neste último aspecto, os fatores utilizados para explicar a pretensa inferioridade biológica e moral do povo brasileiro estavam ligados a dois problemas: a composição de maioria indígena e negra e a miscigenação. Carrara (2004) ressalta que era consenso entre muitos médicos e eugenistas do período – mas também a maioria dos pensadores brasileiros – que a miscigenação formava indivíduos “‘fracos’ e biologicamente ainda mais inferiores do que qualquer representante ‘puro’ das raças originais das quais eles descendiam”. No aspecto climático, o autor ressalta que muitos médicos, ainda no início do século XX, acreditavam que os climas quentes favoreciam uma série de comportamentos moralmente discriminados, com ênfase na sexualidade exacerbada, além de gerarem uma decadência física no geral.

Todavia, conforme Hochman e Trindade (1996) apontam, a ciência experimental do início do século trouxe novas possibilidades para se pensar a nação. A partir dos conhecimentos médico-higienistas com foco sobre a saúde dos brasileiros e sobre as condições sanitárias, que tomaram vultos a partir de 1910, estava aberto o caminho para um redimensionamento das questões que delimitavam a inferioridade da nação, conforme os autores apontam estes pensamentos:

[...] nos absolviam enquanto povo e encontravam um novo réu. O brasileiro era indolente, preguiçoso e improdutivo porque estava doente e abandonado pelas elites políticas. Redimir o Brasil seria saneá-lo, higienizá-lo, uma tarefa obrigatória dos governos (Hochman, Trindade, 1996:23).

Hochman e Trindade (1996) discorrem ainda que houve um movimento político e intelectual, iniciado em meados da década de 1910, que proclamava a doença como principal problema do país e o maior obstáculo à civilização. A partir desse período surge um movimento

médicos produziram novos postulados e entendimentos para a prática médica, pautados principalmente na microbiologia.

que buscava sanear o Brasil, rejeitando os determinismos raciais e climáticos para explicar o seu atraso. Deste modo, os autores ressaltam a tese de que a identidade nacional do período passa a ser reconstruída a partir da identificação da doença como o elemento distintivo da condição de ser brasileiro, passando a definir o próprio país. Obviamente esta valoração da doença, na medida em que superava os determinismos fatalistas da condição brasileira, deveria ser vencida através da ciência médica, do saneamento, dos ideais higiênicos e de políticas públicas que despontaram no período.

De acordo com Carrara (2004), os intelectuais das primeiras décadas do século XX, principalmente os médicos, passam a refutar em grande medida a ideia determinista da degeneração climática e moral do país. Neste sentido, estes pensadores enfatizam que os problemas comportamentais e morais dos brasileiros seriam problemas solucionáveis “por meio de uma intervenção educativa e sanitária bem orientada”. Do mesmo modo, os efeitos degenerativos associados à miscigenação passam a ser sistematicamente criticados pelos cientistas brasileiros, como a exemplo de Roquette Pinto, que arguia que “a inferioridade da raça brasileira era devida à ignorância, e não à miscigenação”. Para o antropólogo, a miscigenação seria danosa apenas quando feita “ao azar, sem orientação eugênica e higiênica, sem educação e fora da organização familiar” (Carrara, 2004:437).

É importante ressaltar que essas mudanças, na conjuntura social brasileira do século XX, estão imersas no próprio surgimento de um movimento eugênico no país. De acordo com Nancy Stephan (2004), a primeira sociedade eugênica brasileira surgiu em 1918, ao final da primeira guerra mundial. A eugenia – considerada por muitos como ciência do aprimoramento racial – no Brasil esteve ligada a fatores como a mobilização para a introdução de uma legislação de bem-estar social, para com isso aprimorar o povo brasileiro no que tange as suas condições físicas, mentais e morais, sendo desta maneira a educação um fator fundamental para a nação. No Brasil, eugenizar seria sanear a população, além disso, a eugenia surgia como uma ferramenta para interpretar as questões raciais³ em um país extremamente miscigenado desde sua formação.

O movimento eugênico, formado em 1918 na cidade de São Paulo, contou com a participação de, pelo menos, 140 pessoas, dentre os quais muitos dos maiores cientistas do Brasil. Entre eles o destacado médico Juliano Moreira, então diretor do Hospital Nacional dos Alienados. Moreira enviou uma carta “parabenizando a sociedade e comunicando-lhe seus próprios esforços eugênicos no campo da higiene mental” (Stephan, 2004:340). Nancy Stephan

³Assim como apontamos anteriormente, segundo Nancy Stephan a identidade racial do país era extremamente malvista pelas interpretações racistas de médicos estrangeiros do período que influenciavam a visão destes brasileiros. Para muitos médicos do período, “esses cruzamentos promíscuos que tinham ocorrido no Brasil desde os tempos coloniais até aquele momento produzido um povo degenerado, instável, incapaz de desenvolvimento progressivo” (Stephan, 1996:338).

(2004) discorre que a sociedade eugênica visava o desenvolvimento físico e moral do povo brasileiro, e a eugenia foi pensada como capaz de levar a uma “nova ordem social” por meio do aprimoramento médico da raça humana.

Nancy Stephan (2004) explica que o movimento eugênico brasileiro, nos anos 1920, se baseou principalmente nas ideias neolamarckianas, procurando se afastar de questões como a seleção natural e a genética e se aproximando principalmente de questões “ambientalistas” relacionadas à reforma da saúde pública, o que faz de sua abordagem mais sociológica que biológica, de maneira que dentre os assuntos mais debatidos estavam temas como “conflitos familiares, educação sexual e exames e atestados pré-nupciais”. Deste modo, a autora destaca que no Brasil a eugenia se associa com as ciências sanitárias, sendo vista como um ramo da higiene, daí a percepção de que no Brasil sanear seria justamente eugenizar (Stephan, 2004:345).

Voltando a Juliano Moreira, o médico, em seus estudos, buscava seguir este escrutínio da eugenia positiva brasileira destacando que questões vistas por muitos médicos como atributos de superioridade intelectual não seriam questão de raça, mas sim a educação e instrução. É interessante pensar que o próprio Juliano, enquanto “mestiço”, seria um exemplo desta questão, de maneira que em 1921 a “American College of Physicians and Surgeons” patrocinou um grupo de médicos para observar vários países da América do Sul⁴. Ao voltarem, esses médicos destacaram “sobre o salutar clima racial no Brasil”. Os médicos chegaram à conclusão de que o clima racial no Brasil era tão bom “que quase não havia nenhuma evidência de preconceito racial”, citando como exemplo de como a miscigenação no país era positiva, o caso de Juliano Moreira que teria encantado os visitantes como sua “alta inteligência, cultura e habilidade”. Além disso, foi visto como “geralmente considerado um dos homens representativos do Brasil, um homem excepcional que bem ilustrou a possibilidade do negro na América do Sul” (Fikis, Cargille,1986:679).

Voltando ao movimento eugênico, Robert Wegener e Wanderley de Souza (2014) destacam que o antropólogo Roquete Pinto, na conferência de abertura o primeiro Congresso de Eugenia no Brasil, em 1929, destacou que em algumas regiões do Brasil havia mestiços “somaticamente deficientes” não por questão de miscigenação, mas devido às péssimas condições de vida e fatores ligados “a miséria, a falta de higiene e nutrição, as doenças e o analfabetismo”. Neste sentido, os estudos históricos mais recentes sobre o movimento eugênico

⁴ No que tange a miscigenação brasileira desde a década de 1890- logo após o fim da escravidão- o Brasil buscava passar a visão para o mundo de que não havia conflitos raciais visando atrair imigrantes, fato que faz por exemplo que o alemão Rudiger Biden criasse a expressão na década de 1920 de que o Brasil seria um “laboratório de civilização” onde não existiria um problema racial como nas civilizações da América do norte. Para Biden as três raças- branca, negra e indígena - viveriam em harmonia, e ainda viria uma quarta raça a compor esta mistura, os japoneses, que embora em pouco número viriam a contribuir com essa mistura (Biden,1929:73).

brasileiro demonstram que a eugenia, embora tenha tido esse caráter higienizante, não foi assim tão “suave”. Fato que pode ser visto nos diversos entusiastas que apoiavam uma política de controle migratório baseada na criação de leis que impedissem a entrada de “imigrantes indesejáveis como negros, árabes, ciganos e asiáticos”. Além disso, no período Vargas (1930-1945) essas teorias eugênicas influenciariam a criação de leis buscando controlar a imigração e colonização do território brasileiro, de maneira que na constituinte de 1934 os eugenistas participaram e assessoraram as principais comissões sobre imigração do país (Wegner, Souza, 2014:343-344).

Neste contexto, atendo-nos à migração japonesa⁵, Endrica Geraldo (2007) discorre que o eugenista brasileiro Renato Khel, que escreveu o livro *Lições de Eugenia* em 1929, tratava a população brasileira como composto pela fusão das “raças inferiores”, sendo desejável que fosse feita uma política imigratória que evitasse a entrada de mais indivíduos dessa categoria, como “negros e amarelos”, que, de acordo com o autor, infelizmente já vinham espontaneamente e em grande quantidade para o país. Em 1928, 11.169 indivíduos japoneses migraram para o Brasil, superando assim a imigração de nacionalidades europeias como de italianos, espanhóis e alemães. Entre a década 1920 e 1930 mais de 150 mil japoneses entraram no Brasil (Geraldo, 2007:15).

Embora a entrada desse grande contingente de migrantes para o país, como fica explícito na fala de Renato Khel, o migrante japonês por muitas vezes foi visto como indesejado. Segundo Jair de Souza Ramos (1996), os opositores dessa migração utilizavam argumentos como a restrição à migração japonesa feita pelos americanos, que os percebiam como inassimiláveis pelas suas diferenças culturais, acrescidas de uma suposta tendência ao “isolamento no interior de seu próprio grupo”. Os japoneses foram acusados de buscar fazer uma colonização japonesa em terras sul-americanas, e este temor do imperialismo nipônico ficou conhecido como o “perigo amarelo”. Além disso, haveria também o caráter prejudicial da miscigenação do “amarelo” com a “evolução eugênica do tipo racial brasileiro”, ou seja, a migração japonesa iria interferir no branqueamento da população que vinha ocorrendo com a entrada do migrante europeu e que trazia seu consequente “melhoramento racial” (Ramos, 1996:72-73). Em outros argumentos racistas, opositores da imigração japonesa representavam-na como marcada pela ausência ou decadência da civilização e como portadora de costumes, língua e comportamentos que

⁵ A Migração pessoas de países da Europa central para o Brasil, e a América em geral, entrou em declínio após a Primeira Guerra Mundial. Isto ocorreu em meio ao contexto de crise no continente e o surgimento de fortes movimentos nacionalistas na Europa que não incentivavam mais a emigração de sua população. Neste contexto, em busca de suprir o contingente necessário para as lavouras, desde a década de 1920, houve um aumento crescente de imigrantes de outras regiões como o Japão e países do Leste europeu para o Brasil (Geraldo, 2007).

impediam a mistura com o habitante nacional. O japonês foi representado como sendo portador de “hábitos viciados”, “inútil ao trabalho”, contrário à assimilação e ainda pouco atraente fisicamente (Ramos, 1996:76-77).

Assim, na década de 1920, segundo Jair de Souza Ramos (1996), parte da elite brasileira tratava o migrante japonês como “imigrante indesejável”, o qual não estava incluído no modelo ideal/racial de imigrante branco europeu. Enquanto o imigrante europeu era desejável, nem sempre era possível tê-lo e sua migração se concentrava, sobretudo, nas regiões sul e sudeste do país. Este fato fica explícito por um documento da Sociedade Nacional de Agricultura⁶, que buscava promover a imigração japonesa para o Norte do País pois os amarelos suportariam melhor os desconfortos da região que os brancos, se assemelhando aos “sub-typhos” do extremo Norte e Nordeste.

Como fator positivo para imigração japonesa, então, sobreviviam dois pontos. Primeiramente a suposta possibilidade de enfrentar trabalhos mais duros, sendo menos exigentes que os europeus, e a sua possibilidade de aclimatação com o clima da região já que o Japão era um país de clima temperado. De outro lado, enquanto o Japão se desponta como uma potência seu povo passa a ser representado como portador de atributos civilizatórios, como a disciplina ao trabalho, o hábito de poupança e as técnicas produtivas, podendo trazer esses benefícios ao Brasil, sendo estes pontos acrescidos ao respeito às leis e à higiene na organização da casa, como importantes critérios para aceitar a migração de um povo para o Brasil no período (Ramos, 1996:71-75).

Viagem ao Japão em 1928

Juliano Moreira e sua esposa, Augusta Peick Moreira⁷, empreenderam, em 1928, uma longa viagem. Primeiro eles partiram do Brasil rumo ao Estados Unidos, onde ficaram cerca de

⁶ Uma entidade civil fundada em 1897 com finalidade de desenvolver o agronegócio brasileiro. Na década de 1920 a sociedade foi palco de amplo debate sobre a questão das migrações e as questões raciais a ela atreladas.

⁷ Segundo Raquel Pinheiro dos Santos, pouco se fala, nas biografias de Moreira, sobre seu encontro e casamento com Augusta Peick, enfermeira alemã. O casamento teria acontecido entre os anos de 1911 e 1913. Segundo Santos, “especula-se que tenham se encontrado em meados da primeira década do século XX, quando Moreira viajava em ‘busca de novos ares’ para tratar de uma doença” (Santos, 2014:58). De acordo com o Memorial Professor Juliano Moreira, em meio a viagens de estudo nos primeiros anos do século XX, Moreira “já é obrigado a procurar com frequência especialistas e clínicas para consultas sobre sua doença. Acentuando-se as crises obtém uma nova licença e viaja para a Europa em busca de melhor tratamento e posteriormente interna-se num sanatório na cidade do Cairo onde conhece Augusta Peick, enfermeira alemã, de Hamburgo, com quem se casa” (Memorial, 2007:20). Cabe destacar que informações sobre Augusta Peick Moreira também não são detalhadas nas biografias. Por meio do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN) conseguimos acessar o processo de naturalização de Augusta Peick e, a partir daí tivemos acesso a algumas informações como cidade de origem, filiação, ano que chegou ao Brasil e período que se ausentou do país etc. Não conseguimos a informação de quando ela faleceu, mas sabemos que nasceu no dia 19 de setembro de 1876 (Processo de Naturalização de Augusta Peick Moreira. Fundo: Serie

três meses e meio. Dos EUA, o casal partiu para o Japão, onde ficaram cerca de quatro meses. Do extremo oriente, partiram para a Europa, onde participaram de eventos acadêmicos promovidos por associações e universidades. De lá, finalmente retornaram para o Brasil. Sem citar, mas tendo em vista o trajeto descrito acima, Waldemar de Almeida, organizador e editor do livro *Impressões de uma Viagem ao Japão em 1928*, disse que essa foi a “última viagem de circumnavegação” (Almeida, 1935:9) de Juliano Moreira.

(..) Essa viagem foi a concretização de um velho anelo. (...)

Juliano Moreira foi ao Japão para conhecer de perto esse povo admirável que sabia grande e forte não só pelas suas conquistas em todos os ramos do saber humano, pela sutileza de sua inteligência, pelo equilíbrio surpreendente do seu caráter, como pela sua cultura e tradições milenares (Moreira, 1935:9-10).

De acordo com Augusta Moreira, eles chegaram ao porto de Yokohama a bordo do paquete japonês, La Plata Marú, depois de uma viagem de três meses e meio por distintas cidades estadunidenses.

A bordo do – La Plata Marú – o comandante Capitain T. Ichikawa e toda oficialidade, assim como a tripulação porfiaram-se em nos dispensar toda sorte de amabilidade. A nossa chegada em Yokohama, o comandante fez-nos a gentileza de içar no mastro de prôa o pavilhão brasileiro, como se estivéssemos em missão do governo do Brasil. Um dia antes de nossa chegada, recebeu o nosso Comandante um radiograma do Ministro das Relações Exteriores, pedindo-lhe transmitir a meu marido os primeiros pontos relativos ao programa de recepção que nos estava destinado (Moreira, 1935:119-120).

De acordo com o Jornal do Commercio, Juliano Moreira chegou ao Japão no dia 13 de setembro de 1928. O jornal transmitiu essa informação por meio de uma pequena nota publicada na edição do dia 14 de setembro⁸. Durante a viagem, Juliano Moreira foi distinguido pelo imperador Hirohito com a

Ordem do Sagrado Tesouro do Japão e recebeu grãos honorários de várias sociedades japonezas. Acompanhado da sra. Moreira, foi recebido pelos representantes da embaixada brasileira, do Ministério dos Estrangeiros e das sociedades científicas japonezas. Immediatamente depois ele começou a sua incursão pelo império, falando perante grandes assistências em todas as universidades imperiais.

O dr. Juliano Moreira recebeu o correspondente da United Press no Hotel Imperial de Tokio, manifestando-lhe a satisfação de que estava possuído pelo êxito de sua “tournee”, que, disse ele, lhe foi muito agradável, bem como a senhora Juliano Moreira. Os japonezes, acrescentou o cientista brasileiro, deram largos passos nas sciencias, contribuindo não pouco para os conhecimentos científico mundiais⁹.

Interior – Nacionalidades (IJJ6) (A9) Seção/Série: Processos de naturalização. Notação: BR RJANRIO A9.0.PNE.16897, Arquivo Nacional).

⁸ Homtem, Jornal do Commercio, edição 00220, 14 de setembro de 1928, página 1. Fundação Biblioteca Nacional (Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional – BNDigital).

⁹ A VIAGEM do DR. Juliano Moreira ao Japão: O Imperador Hirohito distinguiu-o com a Ordem do Sagrado Tesouro do Japão. O Jornal (RJ), edição 03084, sexta-feira, 14 de dezembro de 1928, p. 6. Fundação Biblioteca Nacional (Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional – BNDigital).



Figura 2: Diploma da Ordem do Tesouro Sagrado concedido pelo Imperador do Japão ao Prof. Juliano Moreira e só conferida aos homens de real mérito científico.

Embora o artigo citado tenha sido publicado em *O Jornal* no dia 14 de dezembro, ele transmitiu notícias que ocorreram durante o mês de novembro, quando Juliano Moreira e sua esposa estavam no Japão há cerca de dois meses. A reportagem destacou as honrarias recebidas pelo médico brasileiro e como ele foi bem recebido por autoridades brasileiras e japonesas. O artigo também destacou um ponto relevante ao mencionar a incursão de Moreira pelo Império japonês.

Já na matéria publicada no *O Jornal*, no dia 23 de janeiro de 1929, podemos verificar informações detalhadas sobre a estadia de Juliano Moreira e sua esposa no Japão. A reportagem afirmou, naquela ocasião, que havia terminado a tarefa científica em que Juliano Moreira dedicou-se a convite oficial das universidades japonesas. No Japão, ele foi recebido por representantes do governo, das universidades e instituições médicas oficiais. Segundo o texto, o Dr. Moreira foi alvo de inquestionáveis demonstrações de afeto e elevado respeito¹⁰.

A própria fotografia que ilustrou a reportagem, situada na primeira página do jornal, destacava por si só como Moreira tinha sido bem recepcionado durante a sua estadia no Japão. Na imagem, podemos observar o senhor e a senhora Moreira em um banquete oferecido pelo embaixador Taksuki.

¹⁰ A Viagem do prof. Juliano Moreira ao Japão: o mestre da psiquiatria brasileira distinguindo pelo Imperador com a comenda do Tesouro Sagrado. *O Jornal* (RJ), edição 03118, sexta-feira, 23 de janeiro de 1929, p.1.

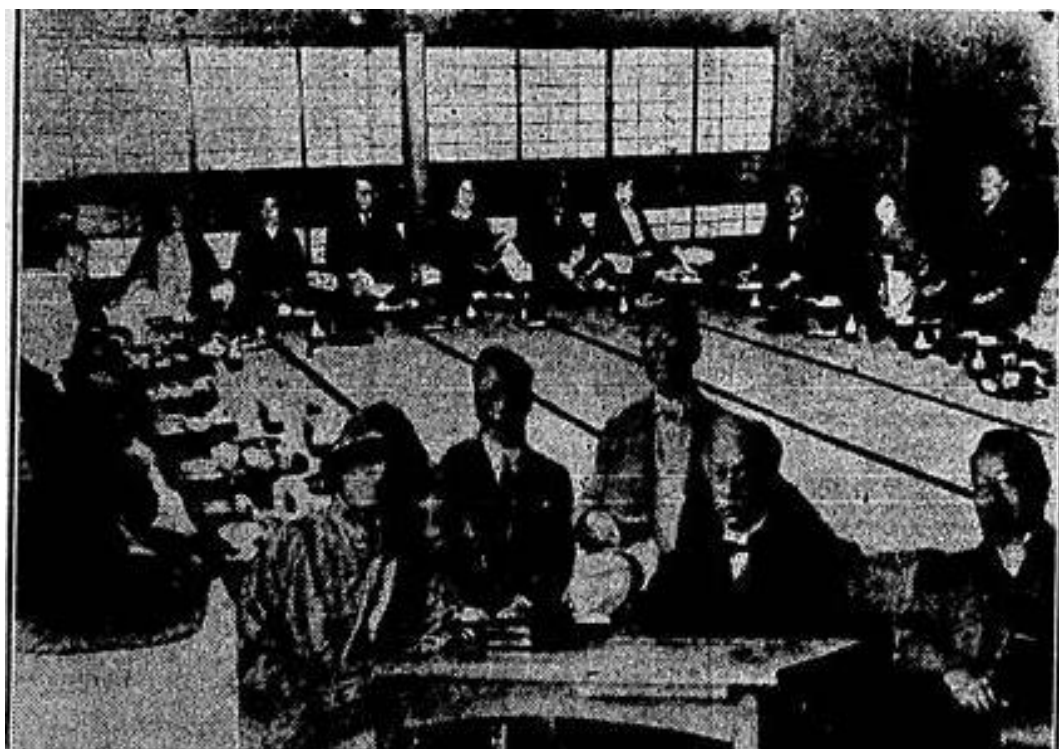


Figura 3: Banquete japonês oferecido pelo antigo embaixador do Japão, no Rio de Janeiro, Taksuki ao professor Juliano Moreira e senhora. O Jornal, 1929.

Moreira iniciou a série de conferências em Tóquio. Em seguida, segundo o jornal, ele partiu para o norte do país a convite de universidades, onde palestrou diversas vezes. Tóquio, Kioto, Hokaído e Gardai foram as principais cidades que o ouviram. Além das conferências de caráter científico, Juliano Moreira se pronunciou na Rádio Sociedade Nipônica, em Tóquio, e a sua fala intitulada *Brasil e os Brasileiros*, conforme veremos, integra o livro que é objeto de nossa análise.

De acordo com *O Jornal*, “essa conferência foi realizada no dia 27 de novembro e foi radiografada por todo o Império, Manchúria, Coréia, ouvida por milhões de pessoas”¹¹. No tópico a seguir discorreremos com mais detalhes sobre essa conferência, assim como alguns dos outros textos que fazem parte do livro.

O artigo mencionado acima também destacou o prestígio e a simpatia do Doutor, assim como a forma respeitosa com que ele foi tratado durante a sua viagem. Foram destacadas também as homenagens recebidas por Moreira.

¹¹ A Viagem do prof. Juliano Moreira ao Japão: o mestre da psiquiatria brasileira distinguindo pelo Imperador com a comenda do Tesouro Sagrado. O Jornal (RJ), edição 03118, sexta-feira, 23 de janeiro de 1929, p.2. Fundação Biblioteca Nacional (Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional – BNDigital).

Sua permanência no Japão elava o significado de nossas relações cultas, internacionais. Sobretudo a atuação do professor Juliano Moreira, dando a conhecer aos psychiatras do oriente o grau de nossa evolução através de conferências ouvidas pelos especialistas nipônicos, representa um ponto de vista doutrinário do seu pensamento, dando a sua sympathy a emigração japonesa¹².



Figura 4: Desembarque de Juliano Moreira no Rio de Janeiro, O Jornal., 1929.

Análise de impressões de uma viagem ao Japão em 1928

O livro *Impressões de uma viagem ao Japão em 1928* resulta de uma compilação de memórias e conferências de Juliano Moreira sobre sua viagem empreendida ao Japão. A obra foi dividida em duas partes. A primeira é composta por uma breve apresentação, escrita pelo organizador e editor Waldemar de Almeida, e por diferentes textos de autoria de Juliano Moreira. Os textos resultam, em sua maioria, de conferências realizadas no Japão e no Brasil e são intitulados: *A Bibliotheca Morrison-Iwasaki*; *Impressões do Japão*; *Problemas de instrução e educação no Japão*; *A cultura das pérolas do Sr. Mikimoto*; *Brasil e Brasileiros*; *Algumas impressões sobre a viagem ao Japão*; *A Universidade de Tokio e a sua monumental biblioteca*; *Convém ao Brasil a imigração japonesa?*

A segunda parte é composta por três títulos de autoria da senhora Augusta Peick Moreira. Os textos intitulados *No Oriente (Impressões de viagem)*, *Dez milhões de mulheres ganham a sua vida no Japão* e *O Prof. Oscar Lorewe e o Japão* resultam de suas impressões e de uma palestra realizada em 17 de novembro de 1929 na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

O livro também conta com 10 fotografias, uma capa em preto e branco e uma capa em cores. A capa colorida foi desenvolvida pelo aquarelista ítalo-brasileiro Alfredo Norfini, e as

¹² A Viagem do prof. Juliano Moreira ao Japão: o mestre da psiquiatria brasileira distinguindo pelo Imperador com a comenda do Thesouro Sagrado. O Jornal (RJ), edição 03118, sexta-feira, 23 de janeiro de 1929, p.2. Fundação Biblioteca Nacional (Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional – BNDigital).

demais ilustrações foram executadas por Paulo Firota, chamado por Waldemar de Almeida de “um filho do Japão” (1935).



Figura 5 Capa do livro Impressões de uma Viagem ao Japão em 1928, Alfredo Norfini, 1935.

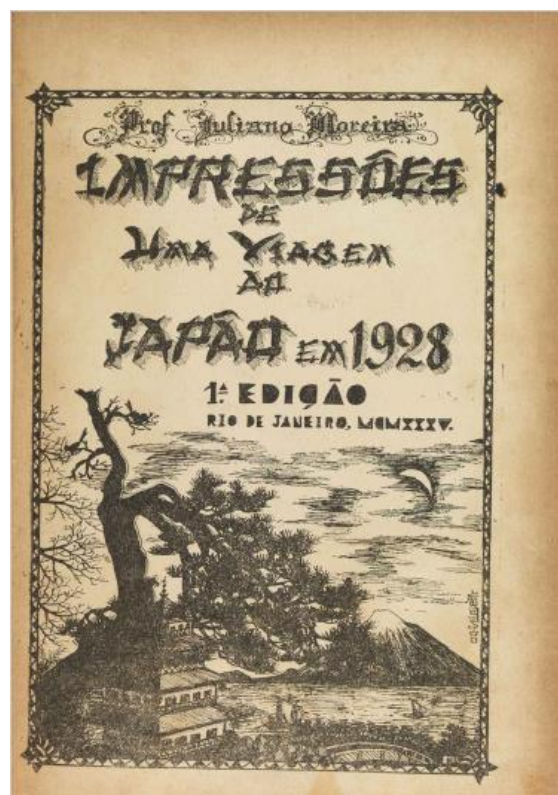


Figura 6: Ilustração do Livro Impressões de uma viagem ao Japão em 1928, Paulo Firota, 1935.

Cabe destacar que neste trabalho iremos nos ater apenas às representações desenvolvidas por Juliano Moreira, ou seja, analisaremos apenas aspectos referentes à primeira parte do livro. A segunda parte, de autoria de sua esposa, merece uma análise específica que considere aspectos referentes a sua trajetória e às especificidades temáticas que foram desenvolvidas pela autora, que possui uma visão etnográfica.

O livro tem início com um texto sobre a Biblioteca Marrison-Iwasaki (Toyo Bunko). A biblioteca foi, segundo Juliano Moreira, uma das coisas mais valiosas que ele pôde presenciar no Japão. No texto, o autor expôs detalhes sobre a constituição da biblioteca. Ele destacou aspectos da composição do catálogo, da instituição e mencionou obras raras que faziam parte do seu acervo, ressaltando a variedade do acervo, a sua riqueza e grandiosidade. A biblioteca era, para ele, uma das mais completas sobre assuntos orientais, e por isso a enalteceu e implicitamente também engrandeceu o povo japonês. Conforme veremos com mais detalhes, Juliano Moreira destacou aspectos compreendidos como “civilizados” com o propósito de enaltecer o Japão e o seu povo.

Neste primeiro artigo, Moreira expôs minuciosos detalhes da constituição do acervo da Biblioteca, mas dados os limites estabelecidos para esta pesquisa, podemos destacar, por meio de um grande esforço de síntese, que construção empreendida pelo autor buscou enfatizar a intelectualidade japonesa e a preocupação desse povo com a cultura e o conhecimento. Essa construção tinha como propósito representar um Japão comprometido com o conhecimento e com o saber, sendo, conseqüentemente, “civilizado” (Moreira, 1935).

O segundo texto da sequência resulta de uma conferência feita no Jornal Tokio Nichi-Nichi, em 28 de novembro de 1928. De acordo com o autor, sua ida ao Japão teve dois intuítos principais: 1º- Conhecer de perto a intensa atividade intelectual dos japoneses, que, de acordo com Moreira, assimilavam tudo o que havia de bom nas outras civilizações. Neste ponto, o psiquiatra considerava o Japão “um exemplo digno de ser seguido por todos que nutrem um justo desejo de concorrer para a maior aproximação das várias nações da terra”; 2º - Sua ida era uma resposta à “extrema gentileza das várias Universidades Nipônicas, assim como de várias Associações médicas” do Japão que o convidaram para efetuar conferências sobre assuntos relativos à sua especialidade e sobre os seus progressos no Brasil (Moreira, 1935:39-40).

Mas Moreira mencionou que ao lado dos dois intuítos anunciados ele também tinha o propósito de averiguar até onde iam as afinidades étnicas do povo japonês com o povo brasileiro. A aproximação étnica entre os povos nativos do Brasil e os japoneses foi defendida pelo autor. Segundo ele:

A quem vive no Brasil uma vinda ao Japão dá a frequente impressão de estar a cada passo encontrando homens seus conhecidos, sobretudo no norte do meu Paiz. E isso ocorre não apenas pelo aspecto puramente anthropologico como ainda pela frequência de certos gestos e atitudes nos actos da vida quotidiana. Análoga impressão tem tido vários japonezes ao atravessarem certos de nossos Estados brasileiros, sobretudo no norte do Paiz.

Destas e outras circunstâncias vae por certo resultar muito eficaz para ambos os povos a corrente emigratória japoneza para o Brasil (Moreira, 1935:40).

Ao discorrer sobre as suas impressões do Japão, Moreira construiu e defendeu a tese de uma suposta semelhança étnica e cultural entre os indígenas brasileiros e os japoneses. Essa semelhança, de acordo com as representações do autor, eram um grande facilitador para a promoção da imigração japonesa para o Brasil. Nesta mesma conferência, Moreira destacou a atuação científica dos japoneses, os pesquisadores de excelência do país, seus centros de pesquisas e instituições educacionais, a organização do sistema educacional, os cuidados com a saúde mental e física, o desenvolvimento industrial e a imprensa. Essas falas tinham como propósito destacar o quão desenvolvido era o povo do Japão, além do quanto eles tinham a oferecer.

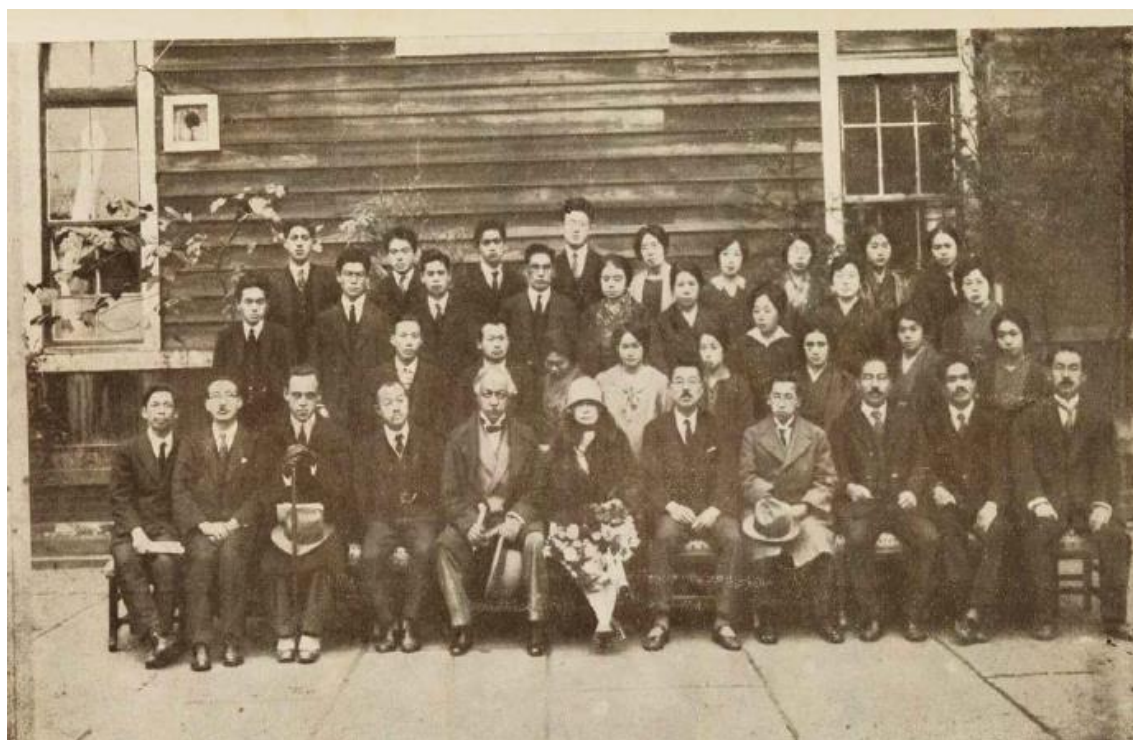


Figura7: Juliano e Augusta Moreira entre os professores de uma escola primária.

É interessante perceber a ênfase que o médico dá ao desenvolvimento educacional no país, ressaltando “como o esforço inteligente dos japonezes conseguiu em poucas décadas resolver o grande problema da educação do povo que ali também foi um problema nacional” (Moreira, 1935:67-68). Neste sentido, Moreira ressaltou os serviços de médicos escolares, subordinados ao departamento de educação, onde ocorriam acompanhamento médico e dentário de forma frequente nas escolas, a partir de uma “inspeção sanitária matutina dos alunos”. Estes médicos também faziam a “selecção e protecção das crianças mental-mente anormaes”. Esses apontamentos, ressaltados na construção de Juliano Moreira, estão relacionados ao pensamento eugênico e higienista ao qual o autor era entusiasta, e fica explícito em vários trechos da obra, como:

Os gabinetes dentários installados nas escolas novas, com a assistência systematica aos dentes dos alunos merecem especial louvor. Por toda parte o velho preceito, mens sana in corpore sano vae sendo applicada com o possivel vigor de modo a melhorar de mais e mais a vitalidade sadia do povo japonez, que só tem a lucrar em valer não somente pelo número mais ainda pela qualidade de cada um (Moreira, 1935:43).

Seguindo sua obra, no capítulo intitulado *Brasil e Brasileiros*, Juliano Moreira retomou o argumento de uma ligação entre os indígenas e os japoneses. Segundo ele

Nossos índios por sua constituição anthropologica tem inspirado a muitos anthropologos a opinião de que eles são de origem asiática, malaios muito prováveis, levados pelas correntes do Pacífico até as costas da América de onde se generalizaram pelo continente todo, constituindo depois grupos ethnicos mais ou menos diferenciados segundo as condições mesológicas encontradas (Moreira, 1935:89).

Sendo assim, de acordo com a representação construída por Moreira, a origem dos povos indígenas, presentes no Brasil, era asiática. Esse fato era muito relevante para incentivar a migração japonesa para o Brasil, pois esses povos seriam de certa forma unidos por uma origem, mesmo que longínqua. O capítulo do qual resulta a citação acima tem sua origem na conferência pronunciada em Tóquio, na Rádio Sociedade Nipônica, em 27 de novembro de 1928, transmitida para todo o Império japonês, Manchúria e Coreia.

Essa conferência se tornou um dos capítulos mais intrigantes do livro, pois nela Juliano Moreira empreendeu uma entusiasmada propaganda do Brasil como um excelente lugar para receber imigrantes japoneses. Na construção de Moreira, o Brasil foi apresentado como um país com o futuro garantido “pela somma extraordinária de riquezas acumuladas nas profundezas de seu solo e na fertilidade de suas terras” (Moreira, 1935:81-82).

Moreira discorreu sobre o vasto território brasileiro, sobre suas grandes reservas de água e sobre o seu clima que, nas suas palavras, em muitas partes, era ameno. Segundo ele, a cadeia de montanhas existente no país permitia diversas altitudes e climas agradáveis (Moreira, 1935:82-83). O autor transmitiu, por meio da sua construção, a ideia de uma país tropical com muitas riquezas naturais e com temperaturas amenas e, para esse fim, ele deu diferentes exemplos de lugares que, de acordo com ele, tinham temperaturas aprazíveis.

No Ceara um dos estados do Brasil, situado sob os trópicos, há uma serra chamada de Ibiapaba, onde reina uma temperatura ameníssima, não sendo raro que o thermometro baixe às temperaturas dos climas frios.

Em Pernambuco, um pouco ao sul, há o lugar denominado Guaranhuns, onde não raro neva como a mais de três séculos já o salientaram com extrema admiração os grandes naturalistas Piso e Margrave que acompanharam o Príncipe de Nassau na expedição holandeza no Brasil no século XVII (Moreira, 1935:83).

Moreira também discorreu sobre o Rio de Janeiro, capital nacional. Apresentou algumas das instituições governamentais que ficavam sediadas nesta cidade, instituições educacionais e científicas, bibliotecas, museus e associações médicas. São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande de Sul, Pará, Paraná e Santa Catarina foram apresentados, por Juliano Moreira, como os estados mais prósperos do país.

Outro ponto destacado durante a conferência mencionada foi a composição da população brasileira. De acordo com o autor:

Os portugueses cruzaram-se muito largamente com as índias, havendo mesmo fidalgos de linhagem garantida que se casaram com filhas de chefes aborígenes, alguns até transportando-se para a Europa. Depois, dadas as dificuldades de aumentar o número de trabalhadores para a melhor utilização das terras do novo Mundo os Portugueses resolveram mandar vir para tal fim das suas colônias em outros continentes milhares de homens. Do continente africano e até de Goa na Índia, fora transportado para o Brasil muitos e muitos dos que tanto concorreram para a valorização das terras no Brasil (Moreira, 1935:90).

Conforme é possível inferir, Moreira não mencionou a escravidão e suavizou todo o processo de dominação portuguesa no continente americano no decorrer da sua construção. De acordo com ele, os portugueses mandaram vir homens de outros continentes para suprir a necessidade de trabalhadores para a melhor utilização das terras. Essa construção nos permite compreender “os trabalhadores” como sendo pessoas livres que por vontade própria vieram ganhar a vida na América. No entanto, sabemos que as mulheres, os homens e as crianças foram trazidos do continente africano na condição de escravizados, desprovidos de liberdade, direitos e desumanizados. Moreira ocultou, na sua construção, esse relevante fato da história do Brasil. Ele apresentou um Brasil idílico, harmônico, sem embates, conflitos e problemas. Até porque ele estava, conforme defendemos, representando o Brasil como um lugar ideal para receber imigrantes japoneses. Na sua construção, discorrer sobre a escravidão africana e indígena ofereceria um grande obstáculo e risco ao seu propósito de estimular a imigração, principalmente ao considerarmos que Moreira apresentou a tese de uma suposta origem asiática dos povos indígenas.

O psiquiatra brasileiro prosseguiu dizendo que

(...) Depois da abertura dos portos do Brasil, no início do século XIX, e alguns anos depois sobrevivendo a independência, começaram a afluir gente de todos os países da Europa.

Vinda a República, o movimento emigratório aumentou consideravelmente. De modo que actualmente temos na população do Brasil representados todos os povos do mundo, predominando os de origem europeia (Moreira, 1935:91).

Moreira apresentou a ideia de que o Brasil era um país que contava com a presença de representantes de distintas regiões do mundo, mas que os representantes do continente europeu predominavam. Ele alicerçou esse pensamento ao apresentar, em seguida, a origem predominante em algumas regiões e estados do Brasil. Segundo ele, no Norte predominavam os de origem portuguesa, no estado de São Paulo predominavam os de origem italiana e no Paraná os poloneses e os italianos. Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul destacavam-se os alemães e italianos. Na Bahia, portugueses e espanhóis (Moreira, 1935:91). O autor não mencionou em nenhum momento a população de origem africana ou em quais estados ou regiões ela era mais preponderante, mas afirmou que os povos de distintas origens “unidos pelos laços da mais

sincera confraternização, vão concorrendo para o progresso efetivo do nosso país” (Moreira, 1935:91). O Brasil construído por Moreira nesta obra era majoritariamente branco, sem embates raciais e harmônico.

Juliano Moreira explicitou a ideia de harmonia e união. Ele afirmou que países como o Brasil “necessitam de paz sincera entre os homens, venham eles de onde vieram. Essa paz é a verdadeira precursora da paz universal que é o ideal de todos os homens de bom coração, como nos ensinam nossas mães e nossos mestres” (Moreira, 1935:92). Tendo em vista o trecho citado, o Brasil pode ser compreendido como um país que não faz distinções de origens, onde a paz sincera entre os homens é reinante e ensinada na educação formal e familiar. Moreira acrescentou ainda que os japoneses que estavam indo para o Brasil, em geral, estavam constatando que o país era uma terra acolhedora.

Nesta conferência, Juliano Moreira mostrou-se como um verdadeiro entusiasta da imigração japonesa. Ele discorreu sobre aspectos geográficos, sociais, políticos, étnicos e culturais do Brasil e apresentou o país como uma nação harmônica em que a paz reina entre os diferentes homens. O assunto da imigração japonesa ainda foi retomado de maneira direta no capítulo que encerra a primeira parte do livro. No texto, intitulado *Convém ao Brasil a imigração japonesa?*, Moreira deu alguns indícios da conveniência da imigração dos japoneses para o Brasil. No entanto, cabe destacar, esse capítulo não resultou de conferência proferida no Japão, mas sim defendeu a migração japonesa, ao que tudo indica, entre o público brasileiro.

De acordo com Moreira, entre os povos do oriente, o japonês era o que melhor se adaptava aos progressos do ocidente. Para ele,

(...) em todas as sciencias e até nas artes maiores como nas menores, são inúmeros os filhos do Japão que se têm distinguido, como demonstram as reiteradas contribuições por eles publicadas, quer em revistas europeias e norte-americanas, quer nas revistas japonezasas criptas não só em língua daquele paiz, mas também em alemão, inglez, francez e ultimamente até em esperanto (Moreira, 1935:111).

O fato dos japoneses supostamente se adaptarem melhor aos costumes e progressos do ocidente, somado aos seus avanços no campo das ciências e das artes, eram fatores que justificavam a conveniência da imigração nipônica para o Brasil. O fato deles supostamente estarem mais propensos a dominar determinados códigos ocidentais, considerados civilizados, os tornavam aptos a integrar o fluxo imigratório para o Brasil. Esse fato foi destacado para legitimar a ideia de que os japoneses poderiam ser assimilados e incorporados pelos brasileiros, uma vez que estavam mais propensos à ocidentalização (Moreira, 1935:113).

Moreira sugeriu que os imigrantes japoneses fossem povoar o “valle do Amazonas” e que o governo brasileiro deveria “instalar nas proximidades dos colonos japonezes núcleos de gente

nacional ou proveniente de outros países de origem ocidental”. Certamente, essa condição tinha como propósito a promoção da ocidentalização dos orientais. Esse empreendimento resultaria, de acordo com o autor, no desbravamento da região e na sua integração com o resto do Brasil (Moreira, 1935:112).

A ocidentalização também ocorreria por meio da miscigenação. Sobre esse assunto, Moreira disse:

A propósito o cruzamento do japonês com o nacional, conheço um número considerável de japoneses casados com estrangeiras: inglesas, francesas, alemãs, italianas e brasileiras, etc.

Os productos destes casamentos são do ponto de vista ocidental, incontestavelmente mais bellos que o comum typo japonês.

Capacidade de nacionalização destes productos ao país do progenitor não japonês é tão grande quanto a de qualquer outro povo, dependendo apenas da capacidade de assimilação deste ou daquele país (Moreira, 1935:113).

Segundo ele, do ponto de vista ocidental, os frutos das relações entre japoneses e europeus ou seus descendentes eram incontestavelmente mais bellos, uma vez que se apresentavam fenotipicamente mais ocidentais. A assimilação ocorreria por meio do casamento. Inclusive, ele disse conhecer filhos de japoneses “que não falam a língua de seus pais. Só conhecem a nossa língua” (Moreira, 1935:113). O autor argumentou ainda que os descendentes de outros povos que imigraram para o Brasil foram nacionalizados e o mesmo poderia ocorrer com os japoneses, caso não fossem isolados do convívio do restante da “nacionalidade”. Para Moreira a população brasileira era composta de pessoas miscigenadas, estando “diluídos” em nossa população quase todos os povos que muitas vezes já teriam perdido as “características mais frisantes dos seus ascendentes, com a aquisição das qualidades e até, infelizmente, defeitos de nossa gente” (Moreira, 1935:113).

No que tange aos japoneses, o autor discorreu

Sob o ponto de vista biológico e social não condeno a imigração japonesa, pelas razões já allegadas, assim como porque sob o ponto de vista biológico, estou certo de que o japonês da segunda geração em diante, nascido no Brasil, será um brasileiro tão afastado do typo original como o filho e o neto do português, hespanhol, italiano, alemão, etc, nascidos no Brasil que não se julgam mais ligados, senão excepcionalmente, à pátria de seus pais e avós (Moreira, 1935:114).

Juliano Moreira ainda afirmou que do ponto de vista social também não enxergava perigo na imigração japonesa, pois “(...) se em seu país de origem são os japoneses da máxima tolerância para as crenças uns dos outros, quanto mais os seus filhos nascidos em terras em que essa tolerância também existe” (Moreira, 1935:115). Os japoneses foram apresentados por ele como um povo tolerante, e seus descendentes nascidos no Brasil seriam ainda mais tolerantes, tendo em vista que a nação brasileira, na sua construção, era completamente complacente.

Para alicerçar esse pensamento, Moreira argumentou que além de budistas e xintoístas também existiam cristãos, e ninguém tentava fazer desaparecer as religiões de origem cristã do solo japonês. Essa era a prova de que os japoneses eram tolerantes. Mas o autor não usou nenhum argumento para alicerçar o pensamento de que o povo brasileiro era tolerante.

Considerações finais

Conforme vimos, no decorrer da sua construção Juliano Moreira destacou aspectos relacionados a educação, desenvolvimento científico, saúde e higiene dos japoneses. Reiteramos que o propósito do autor em representar esses aspectos tinha o intuito de retirar os japoneses da categoria de subumanos e imigrantes indesejados, sendo assim, Moreira ressaltou diferentes aspectos que são compreendidos como “civilizados” e “evoluídos”. Seu objetivo era destacar o que os japoneses tinham de positivo para o oferecer ao Brasil.

Os destaques positivos feitos por Moreira não são feitos a esmo, mas sim alicerçados em aspectos eugênicos que estavam em debate e disputa no contexto do Brasil e do mundo na época. Neste sentido, Juliano Moreira, seguia uma visão “eugênica positiva” que acreditava que os japoneses e suas qualidades, acrescidas de uma intervenção médico científica, poderiam ser assimilados e contribuir racialmente para a construção da nação. Nos inúmeros argumentos que o autor utiliza para pensar a viabilidade da assimilação desta “raça”, destaca-se, por exemplo, a construção e defesa da ideia de uma aproximação racial entre os japoneses e os indígenas brasileiros, remontando assim ao período da migração humana para o continente americano para justificar a imigração japonesa para o Brasil. Essa narrativa defendeu uma origem comum desses povos.

É interessante pensarmos que enquanto psiquiatra, Juliano Moreira ia contra determinantes raciais para explicar as doenças mentais, e de modo semelhante descreditou os determinantes raciais que tornavam os japoneses desinteressantes ou mesmo indesejados para o país, pautados em teorias como o da inviabilidade da sua assimilação. Para Moreira “Temer a imigração japonesa com receio de que não a assimilamos, é descrer da capacidade do brasileiro de incorporar o alienígena” (Moreira,1932:18). Assim, sua defesa à migração japonesa deve ser vista não só como uma empatia pelo autor sobre o Japão e os japoneses, mas como uma teoria científica, neste caso eugênica, que poderia ser viabilizada pela composição racial destes dois países, acreditando que a incorporação deste contingente para o país contribuiria sobremaneira para a sua formação e modernidade.

Outra questão importante destacada no decorrer do artigo foi que Juliano Moreira discorreu sobre o Brasil e sua composição étnico-racial sem mencionar a população negra. Ele apenas citou que os portugueses fizeram vir de outras colônias, inclusive do continente africano, trabalhadores para melhor utilização das terras brasileiras, mas não fez nenhuma referência à escravidão. Na narrativa, feita para incentivar a imigração dos japoneses, o autor construiu um Brasil idílico, harmônico, acolhedor, sem conflitos, em que as relações eram suaves e iguais. Nesse Brasil inexistiam conflitos, problemas sociais e raciais, as distintas pessoas viviam sem embates e eram acolhidas por pessoas tolerantes e complacentes. Compreendemos essa construção como uma propaganda de um Brasil inventado para cumprir o propósito de incentivar a imigração japonesa. Fatores negativos como a escravidão indígena e negra ao longo de séculos e as suas nefastas consequências sociais foram ocultadas. Juliano Moreira escamoteou a história da escravidão no país e a ampla presença de pessoas negras na composição da população brasileira.

Assim, por meio das fontes analisadas, constatamos que médico Juliano Moreira foi um entusiasta da imigração japonesa para o Brasil, ressaltando os aspectos culturais, físicos, científicos e sociais da sociedade japonesa que poderiam contribuir para a formação da nação brasileira, indo assim diretamente contra as críticas que eram feitas contra a imigração dos japoneses para o Brasil e reforçando a necessidade de uma intervenção eugênica, no Brasil, para que o país se desenvolvesse.

Referências

- BILDEN, Rüdiger (1929), “Brazil, a laboratory of civilization”. *The Nation*, v. 128, n. 3315, pp. 71-74.
- BRAUDEL, Fernand (1978), “Escritos sobre a história”. São Paulo, Editora Perspectiva, pp.41-78.
- BOURDIEU, Pierre (1996), “A ilusão biográfica”, in M. Ferreira e J. Amado (Orgs.), *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, pp. 183-191.
- BURKE, Peter (1992), *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo, UNESP.
- BURKE, Peter (2004), *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos, revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho, SP, EDUSC.
- CARRARA, Sergio (2004), “Estratégias anticoloniais: sífilis, raça e identidade nacional no Brasil de entreguerras”, in G. Hochman e D. Armus (orgs.), *Controlar, Curar: Ensaios Históricos sobre Saúde e Doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, pp. 427-453.
- CHARTIER, Roger (1991), “O mundo como representação”. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 11, n. 5, pp. 172-191.
- EDLER, Flavio (2002), “A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil”. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, pp. 357-85.

- FIKIS, Robert; CARGILLE, Douglas (1986), “The Extraordinary Career of Juliano Moreira: Afro-Brazilian Psychiatrist”. *Journal of the National Medical Association*, v. 78, n. 7, pp. 679-683.
- GERALDO, Endrica (2007), *O “perigo alienígena”: política imigratória e pensamento racial no Governo Vargas (1930-1945)*, Tese (Doutorado em História Social), Campinas, Unicamp.
- LIMA, Nisia Trindade; HOCHMAN, Gilberto (1996), “Condenado pela Raça, Absolvido pela Medicina: o Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República”, in M. Maio e R. Santos (orgs.), *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ/ Centro Cultural Banco do Brasil.
- LOPES, Atiele Azevedo de Lima; FONSECA, Maria Rachel Fróes da. *Juliano Moreira. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1932)*. Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz [Consult. 19-09-2020]. Disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>
- MEMORIAL Professor Juliano Moreira (2007), *Juliano Moreira: o mestre, a instituição*, 1ª edição.
- PEARL, Julyan (1997). “Tropical disorders and the forging of a Brazilian medical identity, 1860-1890”. *Hispanic American Historical Review*, v. 77, n. 1, pp. 1-44.
- RAMOS, Jair Souza. (1996) “Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20”, in M. Maio e R. Santos (Orgs.), *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, CCBB, pp. 59-82.
- SANTOS, Raquel P. dos (2014), *Manoel Bomfim e Juliano Moreira: Aproximações e oposições ao racismo científico na Primeira República*, Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2014.
- SOUZA, Vanderlei; WEGNER, Robert (2018), “História da Eugenia: Contextos, Temas e Perspectivas Historiográficas”. in G. Hochman, L. A Teixeira e T. S. Pimenta (Orgs), *História da Saúde no Brasil*. São Paulo, Hucitec, pp. 328-355.
- SHEPPARD, Dalila de S. (2001), “A literatura médica brasileira sobre a peste branca: 1870-1940”, *História, Ciência e saúde de Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, pp. 173-192.
- SCHWARCZ, Lilia M. (1993), *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
- STEPAN, Nancy L. (2004), “Eugenia no Brasil, 1917-1940”, in G. Hochman (Org.), *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, pp. 331-392.

Fontes

- A VIAGEM do DR. Juliano Moreira ao Japão: O Imperador Hirohito distinguiu-o com a Ordem do Sagrado Tesouro do Japão. O Jornal (RJ), edição 03084, sexta-feira, 14 de dezembro de 1928. Fundação Biblioteca Nacional (Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional – BNDigital).
- A VIAGEM do prof. Juliano Moreira ao Japão: o mestre da psiquiatria brasileira distinguindo pelo Imperador com a comenda do Tesouro Sagrado. O Jornal (RJ), edição 03118, sexta-feira, 23 de janeiro de 1929, p.1. Fundação Biblioteca Nacional (Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional – BNDigital).

CHEGRAM homem o professor Juliano Moreira, o deputado Assis Brasil e o dr. Guilherme Guinle: outros passageiros de destaque que vieram a bordo do “cap Arcona”. O Jornal (RJ), edição 03118, sexta-feira, 03 de junho de 1929, p.3. Fundação Biblioteca Nacional (Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional – BNDigital).

HOMTEM, Jornal do Commercio, edição 00220, 14 de setembro de 1928, página 1. Fundação Biblioteca Nacional (Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional – BNDigital).

MOREIRA, Juliano. Impressões de uma viagem ao Japão em 1928. Rio de Janeiro, RJ: R. Neustadt, 1935. (Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional – BNDigital).

PROCESSO de Naturalização de Augusta Peick Moreira. Fundo: Serie Interior – Nacionalidades (IJJ6) (A9), Seção/Série: Processos de Naturalização. Notação: BR RJANRIO A9.0.PNE.16897, Arquivo Nacional, Ministério da Justiça e Cidadania. Disponível em <https://sian.an.gov.br/>

Abstract

In this work, we aim to analyze the first part of the book *Impressions of a trip to Japan in 1928*. The book is the result of a compilation of memoirs, conferences and impressions about the trip undertaken to Japan by black physician Juliano Moreira and his wife Augusta Peick Moreira. We will reflect on Juliano Moreira's trajectory and the historical context of Brazil, with emphasis on eugenics issues and racial debates related, especially, Japanese migration for Brazil, which is the central theme of the representations that are part of Juliano Moreira's construction in the aforementioned work. Our analysis unfolds in the social and cultural spheres, and is based on the new history that is associated with the historiography of the *École des Annales*, which brought several renewals to the writing of history. The concept of representation will be operated to understand the construction of the author and to support our analysis we will resort to biographical sources and journalistic articles and notes.

Keywords: Japanese migration; Juliano Moreira; Racial debates.

Resumen

En este trabajo, pretendemos analizar la primera parte del libro *Impressões de uma viagem ao Japão em 1928*. El libro resulta de una recopilación de memorias, conferencias e impresiones sobre el viaje realizado a Japón por el médico negro Juliano Moreira y su esposa. Augusta Peick Moreira. Reflexionaremos sobre la trayectoria de Juliano Moreira y el contexto histórico de Brasil, con énfasis en cuestiones de eugenesia y debates raciales relacionados, sobre todo, con la migración japonesa a Brasil, que es el tema central de las representaciones que forman parte de la construcción de Juliano Moreira. en la obra citada. Nuestro análisis se desarrolla en las esferas social y cultural, y se basa en la nueva historia que se asocia a la historiografía de la *École des Annales*, que trajo varias renovaciones a la escritura de la historia. Se operará el concepto de representación para comprender la construcción del autor y para apoyar nuestro análisis recurriremos a fuentes biográficas, artículos y notas periodísticas.

Palabras clave: Migración japonesa; Juliano Moreira; Debates raciales.
